



XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã



O LEGADO DAS MÍDIAS NEGRAS NA LUTA POR DIREITOS: apontamentos teóricos a partir do paradigma da afrocentricidade¹

Gabriel Rodrigues – pesquisador INCT IN-TREE (Universidade Federal da Bahia)

Claudiane Carvalho – docente da Faculdade de Comunicação (Universidade Federal da Bahia)

RESUMO

Neste trabalho, buscamos fazer uma breve revisão teórica, de caráter crítico-analítico, do legado histórico e prático das mídias negras (Pinheiro, 2019) a partir do paradigma da Afrocentricidade (Asante, 2009) e do fenômeno da mídiatização (Sodré, 2006; Hepp, 2014). Em vista das apropriações dos aparatos digitais, vemos emergir processos comunicacionais complexos que ajudam a projetar um novo contexto de disputa na circulação de informação. Nessa direção, a mídia negra assume um papel estratégico na preservação da memória e nas lutas emancipatórias por direitos, constituindo aquilombamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia Negra; Quilombo; Afrocentricidade; Comunicação; Mídiatização

1 INTRODUÇÃO

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie já nos alertou sobre “o perigo de uma história única”, em sua palestra no TED Talk (2009). Trata-se de uma preocupação legítima também para o campo das ciências, principalmente se lançarmos um olhar crítico às bases epistemológicas que organizam o saber científico diante dos acontecimentos históricos. Em vista disso, buscamos fazer alguns apontamentos acerca do papel estratégico das mídias negras para as mobilizações coletivas na disputa pela memória e na luta por direitos no contexto digital.

2 METODOLOGIA

Neste trabalho, tomamos enquanto mirante o paradigma da Afrocentricidade (Asante, 2009; Nogueira, 2010), que nos orienta a observar as contribuições negro-africanas a partir de referências históricas e culturais. Além disso, os estudos afrocêntricos ajudam a reforçar a ideia de uma “proposta epistemológica do lugar” que não esteja centrada apenas em pressupostos ocidentais. Para tanto, buscamos fazer uma revisão teórica, de caráter crítico-analítico, em relação aos processos comunicacionais que configuram as mídias negras e suas agendas diante dos acontecimentos e dos fatos noticiosos em contextos mediatizados.

¹ Trabalho apresentado no GT1 – Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã - CBCC da XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2024, de 11 a 13 de junho de 2024, na Universidade São Judas (Paulista), São Paulo-SP.

A partir dos estudos sobre a imprensa e mídia negra (Pinheiro, 2019; Veloso e Andrade, 2021), podemos identificar que os aparatos tecnológicos são recursos fundamentais na produção e circulação de narrativas plurais na internet. Nessa direção, busca-se construir um diálogo, por meio do conceito de midiaticização (Sodré, 2006; Hepp, 2014), a fim de apresentar uma série de transformações no tecido social provocadas pelos meios de comunicação, que são responsáveis por novos modos de sociabilidade e de significação da informação. Nesse cenário, observa-se que as mídias negras assumem um papel estratégico na preservação da memória e nas lutas por direitos sociais.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Em linhas gerais, os estudos que buscam refletir os aspectos históricos e práticos das mídias negras reforçam a ideia de continuidade para o legado construído pela imprensa negra, a partir do século XIX. Destaca-se, principalmente, por serem iniciativas lideradas majoritariamente por pessoas negras, alinhadas às mobilizações coletivas e comprometidas para subversão das lógicas discursivas de dominação. Diante do fenômeno da midiaticização, compreendemos que as mídias negras se estabelecem em uma rede complexa e plural, tendo em vista o seu fortalecimento e o reconhecimento no contexto digital.

Segundo afirma Pinheiro (2019), a mídia negra pode ser compreendida enquanto matriz cultural e comunicativa das lutas emancipatórias dos movimentos sociais negros frente às opressões. Além de reconhecer seu impacto na construção de uma memória positivada e coletiva da população negro-africana, levantamos algumas inquietações a serem aprofundadas quanto às estratégias de comunicação despenhadas por negros, quilombolas e grupos abolicionistas – durante e depois do período colonial - que permanecem na contemporaneidade. No que tange às práticas socioculturais que resistem junto às comunidades quilombolas e que assumem forte representação para as mobilizações coletivas, Veloso e Andrade (2021) apontam que “as mídias negras, na perspectiva quilombista, desterritorializam o sentido dos quilombos quando virtualizam a luta antirracista” (p.13).

Esse é um ponto de partida fundamental para levantarmos alguns questionamentos sobre a agência de pessoas negro-africanas em relação aos territórios em que vivem e aos modos organizativos que se relacionam a partir do legado da imprensa e mídia negra no Brasil. Veloso e Melo (2021) ajudam a reforçar a ideia de que o processo de aquilombamento, mediado pelos aparatos tecnológicos, toma dimensões contemporâneas importantes para o fortalecimento da luta por direitos e contra as desigualdades raciais. Dessa forma, observamos que o processo de democratização do acesso às tecnologias digitais tem possibilitado que mais pessoas se apropriem dos meios de comunicação para contar histórias que não ganham visibilidade nas mídias hegemônicas.

Com atenção especial às transformações sociais permeadas pela midiaticização, percebemos que os meios de comunicação têm possibilitado novas condições de produção e circulação que estão

em disputa. Apesar disso, compreendemos que os entrelaçamentos do contexto digital são bem mais complexos, sobretudo no tocante às desigualdades estruturais e à falta de políticas públicas para o acesso e letramento digital.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A popularização do uso de dispositivos digitais móveis tem reposicionado a prática jornalística à medida em que a responsabilidade de “narrar os fatos” não está restrita às grandes corporações de mídia. Uma liderança quilombola, por exemplo, pode orientar a sua comunidade através de canais de compartilhamento e ampliar sua rede de apoio a partir dos mecanismos disponíveis nas redes sociais. Em contrapartida, questões como sustentabilidade e políticas de regulação das plataformas digitais são alguns dos principais desafios enfrentados pelas mídias negras na criação de conteúdos.

Em síntese, observa-se que a dinâmicas de interatividade desempenhadas a partir da circulação informativa impulsionam cada vez mais as pessoas a produzirem e se relacionarem com seus “mundos midiáticos” (Hepp, 2014). O alto investimento das bigtechs na qualificação algorítmica (mineração de dados) e na aprendizagem de máquina para o desenvolvimento de inteligências artificiais reforçam a ideia de um “bios midiático” (Sodré, 2006) atravessado pelas lógicas de mercado e incorporado às práticas sociais e aos meios de comunicação. Nesse sentido, entende-se que as transformações sociais em relação aos usos e apropriações das tecnologias digitais são elementos fundamentais no percurso investigativo acerca dos processos comunicacionais das mídias negras.

Ademais, podemos compreender as mídias negras enquanto matriz cultural e comunicativa das lutas emancipatórias por direito e contra o racismo (Pinheiro, 2019). De modo que atuam como dispositivos estratégicos na circulação de narrativas pouco visibilizadas ou esquecidas pela cobertura dos veículos tradicionais hegemônicos. Trata-se de modos organizativos complexos, capazes de materializar múltiplas realidades a partir dos seus processos produtivos. Em vista disso, Veloso e Andrade (2021) ressaltam que as mídias negras podem ser lidas enquanto uma forma de quilombamento, tendo em vista que “essas experiências são auto-organizadas para estabelecer vínculos de acolhimento, reconstrução histórica, memória, identidade, representatividade, práticas de consumo e sociabilidade por meio da produção midiática” (Veloso e Andrade, 2021, p.8).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar o quilombamento enquanto uma prática social herdada dos povos negro-quilombolas, passamos a entender que as mídias negras carregam nos seus modos organizativos elementos culturais e históricos importantes para compreendemos a prática jornalística nos ambientes

virtuais. Dessa maneira, apontamos que as ações das mídias negras além de disputarem o lugar da memória, materializam de forma estratégica um modelo organizativo comunicacional alicerçado nas bases das mobilizações coletivas.

Portanto, entendemos a mídia negra enquanto um dispositivo estratégico na disputa pela preservação da memória, nas lutas emancipatórias por direitos e contra o racismo. Em vista disso, compreendemos que o processo de democratização do acesso aos dispositivos móveis e da internet tem potencializado um contexto importante para a articulação e virtualização das demandas sociais.

Referências

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Tradução: Julia Romeu. Companhia das Letras, São Paulo. 2019.

ASANTE, M. K. **Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar**. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p.93-110

FAUSTINO, D.; LIPPOLD, W. **Colonialismo digital, racismo e acumulação primitiva de dados**. *Germinal: marxismo e educação em debate*, Salvador, v.14, n.2, p.56-78. ago. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v14i2.49760>. Acesso em: 07 de abr 2024.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, ISBN: 978-85-326-5579-0.

HEPP, A. **As configurações comunicativas de mundos midiáticos: pesquisa da mediação na era da “mediação de tudo”**. 54 *MATRIZES* V. 8 - Nº 1 jan./jun. 2014 São Paulo - Brasil ANDREAS HEPP p. 45-64.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 3. ed. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2019. 390 p.

NASCIMENTO, B. **Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição**. Maria Beatriz Nascimento. *Diáspora Africana*: Editora Filhos da África, 2018.

NOGUERA, Renato. **Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado**. In: *Revista África e Africanidades*. n.11, novembro de 2010. 1-18.

PINHEIRO, J. J. **Alma Preta e Afirmativa: experiências contemporâneas de Mídias Negras na luta contra o racismo**. Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB) - Cachoeira, BA, 2019.

SODRÉ, M. **Eticidade, campo comunicacional e mediação**. In: MORAES, D. (Org.). *Sociedade mediada*. Rio de Janeiro: Mauad. 2006. p. 19-31.

VELOSO, M. S. F.; ANDRADE, A. O. **Aquilombamento virtual midiático: Uma estratégia metodológica para o estudo das mídias negras**. *ALCEU*, [S. l.], v. 21, n. 44, p. 172–189, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.46391/ALCEU.v21.ed44.2021.247/>. Acesso em: 6 abr. 2024.

